

Transporte e carinho fazem parte da receita de sucesso na unidade Bambuí

Dois aspectos foram fundamentais para que o projeto social saísse do papel na unidade de Bambuí, em Maricá. Um deles é o transporte gratuito. Sem ele, não seria possível a inscrição de 200 crianças nas oficinas. A maioria mora distante e não tem como chegar ao local. A van, nova e climatizada, faz várias viagens de ida e volta, na entrada e na saída, de manhã e à tarde.

Outra vertente, quase unânime entre os envolvidos, é o carinho com que as crianças e adolescentes são tratados na unidade. Carentes de valores, sentimentos, afeto, conforto e oportunidades que afetam sua autoestima, eles se surpreendem com a atenção dos profissionais. Muitos vêm de uma rotina que não condiz com o mínimo que se espera de uma criança. A violência doméstica é uma triste realidade em muitas famílias. Quando o professor pressente algo de errado, pergunta para o aluno e o encaminha para a coordenação. Os pais são procurados para que a situação seja

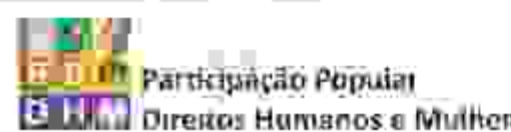


contornada ou não piorar ainda mais. Quando chegam à unidade, a transformação é imediata. De acordo com os coordenadores, muitas crianças e adolescentes chegam sem saber dar um bom dia. O mau comportamento não tem vez durante as aulas. Os coordenadores orientam e chamam a atenção de quem, por algum motivo, trata mal um coleguinha. O retorno é imediato. A interatividade, que muitos não encontram em casa,

chega a surpreender. Ninguém quer ver o colega tocando um instrumento errado. Quando isso acontece, o professor corrige e os colegas incentivam quem errou. Toda essa atenção e carinho são divulgados de forma espontânea no bairro, o que aumenta ainda mais o interesse de outras famílias para inscrever filhos e netos no projeto. A palavra amor está em alta na unidade Bambuí



Conforto, segurança e carinho das professoras e funcionárias são itens indispensáveis para o sucesso do projeto



Programa
CULTURA de DIREITOS

Maricá março de 2019 ANO 1, n. 07

PROGRAMA CULTURA DE DIREITOS FORMA CIDADÃOS E ELEVA AUTOESTIMA DE CRIANÇAS EM MARICÁ

Pág. 2



Transporte gratuito para crianças e afeto, marcas do sucesso na unidade de Bambuí

Pág. 8



Nesta edição, depoimentos emocionantes da comunidade que abraçou o programa em Maricá



Crianças e adolescentes de Maricá vivem nova realidade de esperança com a implantação do Programa Cultura de Direitos



Imagine um bairro carente, com suas crianças e adolescentes sem acesso à atividade física, cultural ou cursos de extensão que poderiam ajudar a preencher o tempo, principalmente, despertar os seus talentos. A realidade acontece em Maricá e o sonho passou a ser realidade com a chegada do Programa Cultura de Direitos, projeto social que atende a centenas de crianças, adolescentes e adultos e ainda ajuda na formação do cidadão, ensinando-o a respeitar e a se relacionar melhor com o seu próximo. As famílias dos alunos agradecem.

O Programa Cultura de Direitos é uma parceria da Prefeitura de Maricá, através da secretaria de Direitos Humanos, e a ONG Casa da Cultura da Baixada Fluminense é destinada a promover e garantir os direitos humanos e sociais, assegurando a participação da população.

As oficinas de cordas (cavaquinho, violão, bândolim, violino e contrabaixo), canto/coral, sopro (flauta doce, flauta transversal, saxofone e trombone), percussão (surdo, pandeiro, tamborim, zabumba, triângulo, agogô, tantã, chocalho e atabaque), além de capoeira, são ministradas em quatro núcleos: Itaipuaçu, Pedreiras, Bambul e Inoã

Cada unidade atende a cerca de 200 alunos, distribuídos em turmas de dois períodos: de manhã e à tarde.

Quase todos os alunos, com exceção de quem mora próximo à unidade, utiliza a van como transporte para se locomover para a oficina. Para o projeto dar certo na unidade de Bambul, duas pessoas trabalham em tempo integral no programa: os coordenadores Andréia Frazão e Francisco Valadão. A unidade oferece oficina de cordas, capoeira, mídias sociais, percussão e sopro.

Andréia Frazão mora no bairro de Bangu, zona oeste do Rio, e vai todos os dias para Maricá. Ela gasta ao menos cinco horas de viagem ida e volta. "Sou muito apaixonada pelo meu trabalho. Quase todos os dias eu me emociono com um pequeno gesto de uma criança empolgada com a oficina. Ou com aquele olhar de agradecimento por estar ali, desenvolvendo o seu talento. Não tem preço", comentou.

A coordenadora disse que o projeto é muito acolhedor.

"Aqui é um núcleo de transformação. Receber os alunos é um desafio muito grande. São jovens e crianças com carência muito grande. Um episódio que marcou muito a minha chegada foi

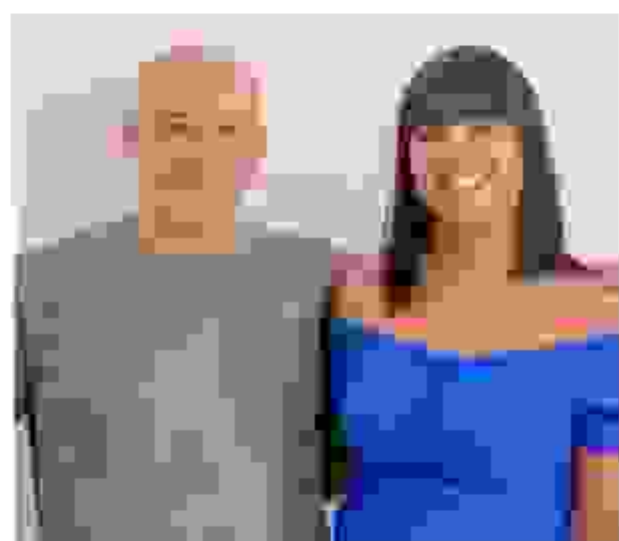
acompanhar um aluno de 5 anos que não conseguia dar bom dia, não se comunicava direito porque não sabia interagir com as pessoas. Hoje, ele dá bom dia, coloca o chiné na porta, conversa com as pessoas", disse, orgulhosa.

Andréia lembra ainda que muitas crianças são reprimidas porque vivem uma realidade de violência em casa.

"Essa transformação vem do projeto, desde a chegada do professor até o acesso ao instrumento. Eles reconhecem a oportunidade que estão vivendo", analisou.

Francisco não fica atrás quando o assunto é dedicação. Ele foi chamado para o projeto um ano antes para ajudar na instalação elétrica e hidráulica da unidade.

"Gostei tanto do que ouvi que me interessei pelo projeto. Hoje, minha dedicação é total. Bambul é unidade modelo do projeto. As crianças me chamam de pai na frente do pai delas. É muito gratificante. Na semana passada, a avó de uma menina disse que sua neta estava precisando de um puxão de orelha porque estava muito rebelde. Ela pediu que eu conversasse com a neta sobre isso. Conversei e depois cobrei. Parece que o clima melhorou em casa", disse, orgulhoso.



Francisco e Andréia - incansáveis na dedicação ao projeto



Rodrigo Reis

Músico

Brasil, é muito carente disso. Estou fazendo faculdade de música, trabalho com gravação, com outros músicos e agora esse projeto. Estou realizando um sonho", disse, emocionado.

Mais do que ensinar, Rodrigo diz que aprende muito com os alunos. "É uma troca. As turmas são formadas por crianças, adolescentes e adultos. Eles interagem, respeitam o limite do outro. Ninguém zomba do outro. Isso tira as pessoas da oficina. É o que chamam de bullying. Raramente, preciso chamar a atenção quando um critica a atuação do outro. O bacana é que quem critica imediatamente reconhece o erro e pede desculpa para o grupo. Nós, os coordenadores, passamos para eles o que é certo, e eles assimilam facilmente. Isso ajuda a formar o cidadão", ressaltou Rodrigo, orgulhoso de seus alunos.

Um exemplo que chamou a atenção do músico logo no início do projeto foi quando perguntou para o grupo qual o ritmo que é famoso no Brasil e mais conhecido no mundo.

Thayssa Correa

massoterapeuta

acessar coisas desinteressantes que não somam nada na sua formação e futuro, eles não têm mais. Entram na Internet para evoluir o que aprenderam. O caçula era muito agitado. Com a capoeira, ficou mais tranquilo. Agora, conversa mais em casa. Aprendeu na oficina a interagir. Ele procura por capoeira na Internet para melhorar sua performance e debater com os irmãos para saber se aquilo que ele pesquisou está certo", contou Thayssa.

A massoterapeuta ressaltou que o projeto dá oportunidade para as pessoas descobrirem melhor o seu talento.

"Não basta ter talento. Tem que ter alguém para direcionar, orientar e indicar o melhor caminho para a evolução. Minha filha está encantada com as aulas de canto e contrabaixo. Quem sabe esse será o futuro dela? O pai precisa muito de um trabalho desse, além de escola de bom nível para

"Todos disseram que era o funk. Nada contra, mas a resposta correta é o samba. Normal para quem nunca leu ou teve aula sobre isso. Na semana seguinte, eles aprenderam as vertentes do samba: samba-canção, samba de raiz, samba-enredo, partido alto, entre outros estilos. Aqui a gente aprende a origem da música, com mais acesso à cultura", observou.

Durante as aulas, Rodrigo organiza um revezamento de instrumentos entre os alunos.

"Todos tocam chocalho, surdo, repinique, entre outros instrumentos. Aqui não tem especialista. Ficar em um instrumento acaba rotulando. Ajuda aquele que tem dificuldade com algum instrumento. O conhecimento é amplo e faz muito bem para quem aprende. Eles correspondem e se interessam cada vez mais em aprender tudo. Esse comportamento estimula ainda mais professores e coordenadores a se dedicarem ao projeto. A tendência é virar referência na região", comentou.



Thayssa com os filhos Ana Clara, João Pedro e Yuri

todos. Pode estar chovendo, o meu filho caçula não abre mão de ir para a oficina de capoeira. Aqui, as crianças se relacionam melhor com as outras, com os pais e adultos. Isso não tem preço para quem é pai e mãe", analisou.

EXPERIENTE

Journal Programa Cultura de Direitos - uma publicação da Secretaria de Participação Social, Direitos Humanos e Mulheres - da Casa da Cultura Centro de Formação, Arapostó e Cultura de Iluminação Aluminosa/ CNPJ 16.446.302/0001-49 / Termo de Colaboração nº 01/2018 / Endereço: Rua Salvador Farias, 297 - Centro - Maricá - RJ - CEP: 20131-000 - RPR: MT - CP: 20904 - RJ - CEP: Maricá, Gália do BP: 17.356 - RJ - Telefone: EBR: Uma Associação de Comunicação: Serviço Hierárquico, Diagramador: Lílian Mire Cambou/ Colaborador: Rodrigo Nogueira e Silva/ Foto: Carolina Pinheiro do Instituto e da secretaria/ Impressão: Maricá Máquinas da Silva ME - 11.419.116.473/3570003-09/ Rua Carlos Veitens, 403, Torres UE e US, No: 33 - Torres, CEP: 28.982-484/ Inscricao Estadual: 18220554, Telefone: 59.000.0000000000000000

Claudiluci Vasconcellos

Comerciante

canto e capoeira, e José Eduardo, que faz capoeira.

Claudiluci Vasconcellos fala com propriedade. Nordestina do interior de Pernambuco, viveu uma realidade de muita carência. "Qualquer coisa, fora o ensino básico, que era de escola pública, eu tinha que pagar. Não havia projeto social como este. No Nordeste, aula de canto, violão, percussão, capoeira, é coisa de bacana que pode pagar. Aqui, a criança toma gosto pelos ensinamentos da oficina e pode até seguir com seu projeto de vida", avalia.

A comerciante lembrou das dificuldades que muitas crianças poderiam ter para frequentar as aulas na Casa de Cultura. "Até o transporte de quem mora distante é oferecido. Os alunos utilizam uma van, nova e com ar-condicionado, com segurança e conforto. Isso gera mais confiança para os pais. Eles sabem que seus filhos serão transportados com segurança, vão estudar em ambiente tranquilo, envolvidos com bons profissionais. Quem não quer um futuro melhor para o filho, não valoriza isso aqui. Nossos filhos merecem o melhor",

disse, entusiasmada

A mudança de comportamento da filha Eva Vitória foi logo notada pela mãe. Antes de entrar para a oficina de canto e capoeira, a menina era tímida. "Logo nos primeiros dias, ela passou a se relacionar melhor com as coleguinhas. Tudo que ela aprende na oficina de canto, ensina para as colegas que não fazem a oficina. Corrige os golpes que o irmão pratica na capoeira. Ela sempre fala para o irmão que capoeira não é luta, é cultura. Minha vida mudou para muito melhor vendo meus filhos felizes com as aulas", reconhece.

Isso aqui é uma obra divina. Foi Deus quem colocou essas oficinas aqui para atender às crianças e aos adolescentes carentes da região.



No segundo semestre do ano passado, a comerciante Claudiluci Vasconcellos vivia um drama no seu dia a dia: tirar os filhos José Eduardo, de 7 anos, e Eva Vitória, de 10, da internet. Quando soube que a solução para os seus problemas iria se instalar bem próximo à sua casa, nem acreditou. A sede da Casa de Cultura fica em frente.

"Isso aqui é uma obra divina. Foi Deus que colocou essas oficinas aqui para atender crianças e adolescentes carentes da região. As crianças se espelham no que elas veem no dia a dia. Se convivem com o bem, elas vão para o caminho do bem. Internet proporciona muita coisa boa, mas pode ser o fim de linha para muita gente, se for usada para o mal. O projeto só ensina coisa boa, do bem", observou a mãe de Eva Vitória, que faz



Q gosta pela música atrai centenas de jovens de Bambuí. Crianças e adolescentes se divertem nas aulas de percussão



Alunos na oficina de capoeira, fundada no lado do mestre



Maurício Nascimento Peçanha

operador de câmera

um mundo diferente. Tem que ter muita habilidade para lidar, principalmente com os mais carentes. Tem dia que uma criança chega muito quieta, sem falar com ninguém. Isso pode ser o sinal de que alguma coisa grave ou quase isso

multo agitado, permaneceu quieto. Disse para ele, que caso acontecesse qualquer coisa, o tio estava aqui para conversar. Nessas ocasiões faço uma recreação diferente para não exigir tanto da criança", adianta.

Quando isso acontece, Maurício comenta o problema com os coordenadores Andreia e Francisco. "Dependendo da situação, eles observam a criança, conversam e vão até os pais", comenta.

Para quem ficou preocupado em trabalhar com criança, temendo até não dar certo, Maurício mudou radicalmente seus objetivos.

"Trabalhar com criança é um grande desafio. Tem que ter jogo de cintura. Felizmente deu tudo tão certo que até quero muito aumentar minha turma, conviver com mais crianças. Aprendo muito no dia a dia. A perspectiva é crescer e pegar mais lugares que precisem deste projeto. Hoje, os alunos me veem na rua e correm para me dar um abraço de agradecimento, de carinho. Parece jargão, mas isso não tem preço", comemora

O que mais me atraiu foi a primeira linha do projeto: resgatar crianças da rua para as oficinas, gerando conhecimento e despertando talentos.

pode ter acontecido em sua casa. O dia pode melhorar ou piorar muito mais dependendo do que você vai falar com essa criança", explica.

Um desses exemplos aconteceu na semana passada. "Um garoto, de 10 anos, estava muito quieto. Não interagia com as outras crianças. Perguntei o que aconteceu e ele, que normalmente é

Maurício Nascimento Peçanha, 31 anos, trabalhava de operador de câmera até agosto do ano passado, quando Mestre Dico, amigo de roda de capoeira, o convidou para o projeto.

"O que mais me atraiu foi a primeira linha do projeto: resgatar crianças da rua para as oficinas, gerando conhecimento e despertando talentos. Isso tocou o meu coração", comentou. Etocou mesmo. A ponto de se recuperar logo da surpresa quando soube que iria dar aula para crianças até 10 anos.

"Tomel um susto quando fui informado da faixa etária. Afirma, nunca havia trabalhado com crianças tão novinhas. E



Laurenice Neves Vital *artesã*

gostava. As crianças me dão muita força na percussão, me incentivam a tocar mais e melhor”, contou.

Laurenice comentou que o neto era rebelde antes de entrar para a oficina. “Minha filha trabalha o dia inteiro e deixa o filho comigo. Ele pensava que tudo girava em torno dele. A falta de convivência com outras crianças o deixava muito rebelde. Tinha ciúme de tudo. Aqui, ele passou a interagir com outras crianças, compartilhar os brinquedos e a receber atenção dos coordenadores. A capoeira ajudou muito. É uma outra criança. Mudou para melhor”, disse.

A família de Laurenice sempre foi ligada à música, mas faltava uma oportunidade para tentar mostrar o seu talento.

“Nem acredito quando soube que havia oficina de canto, teclado e percussão. Conto os minutos nos dedos para vir

para a aula. Meu neto não fica atrás e só fala na capoeira. Agora quer entrar para o canto. Um dia a professora viu ele cantar e ficou surpresa com a performance. Vou matricular ele esta semana”, comentou.

A falta de convivência com outras crianças o deixava muito rebelde. Tinha ciúme de tudo. Aqui, ele passou a interagir com outras crianças, compartilhar os brinquedos e a receber atenção dos coordenadores.

A artesã Laurenice Neves Vital, 60 anos, não esconde a alegria com as aulas de percussão, teclado e canto, além da dedicação do neto Arthur, de 7 anos, com a capoeira.

“Meu marido sai de casa muito cedo para o trabalho e volta à noite. Ficava muito tempo com meu neto em casa sem fazer nada. Agora, ocupo meu tempo com oficinas que resgataram muita coisa que eu não sabia que

Raquel Marques, 38 anos, atendente de telemarketing, foi a primeira aluna a se matricular na Casa de Cultura. O sonho sempre foi aprender canto e violão, mas a falta de recursos para fazer os cursos era o problema. Depois, vieram os três filhos e a separação no casamento, o que contribuiu para dificultar ainda mais o acesso.

Hoje, a história é outra. Logo depois que entrou para a oficina de canto, fez questão de matricular os filhos Natani, de 11 anos, na capoeira e balé; Zoe, de 9 anos, na oficina de capoeira e canto; e Mel Maria, de 5 anos, na capoeira e no canto.

“Minhas crianças mudaram da água para o vinho. Depois do divórcio, elas ficaram muito fragilizadas. Depois, entraram para as oficinas e tudo mudou. Hoje, interagem mais com a família, com os coleguinhas. Respeitam mais as pessoas. Se eu já gostava daqui, imagine

depois que vi a transformação nos meus filhos”, revelou. Com a necessidade de trabalhar o dia inteiro, Raquel não se preocupa em deixar os filhos nas oficinas.

“O ambiente é o melhor possível. A van pega eles em casa e os leva de volta. Os coordenadores ajudam na educação, ensinando boas maneiras e corrigindo as atitudes erradas das crianças e dos adolescentes. Não tenho com que me

preocupar, só agradecer. Um projeto deste deveria servir de exemplo para os políticos. O Brasil precisa valorizar mais as crianças e os adolescentes de famílias carentes”, reconhece.



Raquel Marques, com os filhos, só agradece ao projeto.

Minhas crianças mudaram da água para o vinho. Depois do divórcio, elas ficaram muito fragilizadas. Depois, entraram para as oficinas e tudo mudou. Hoje, interagem mais com a família, com os coleguinhas. Respeitam mais as pessoas.



Daniel Werneck *estudante*

do projeto) foi fundamental. Eles corrigem e ensinam as crianças e os adolescentes com uma conversa, um método todo especial. Aprendi a ser gentil. Palavra que não existia no meu dicionário. Hoje, eu sou mais gente, respeito mais e ajudo a Andreia e o Francisco a passar isso para quem frequenta as oficinas. Faço questão. É uma maneira de retribuir o que de mais valioso aprendi aqui”, destacou.

O interesse pela oficina de Canto é antigo. Daniel canta no coral da igreja evangélica que frequenta e queria aprender outros estilos de música, além do gospel.

“Aqui, aprendi samba, pagode e outros estilos. Quero mais. Descobri que minha voz pode combinar mais com uma música de pagode, por exemplo, do que uma música gospel. Quero seguir carreira na música e as oficinas vão me ajudar a evoluir. Estou avançando a cada dia com as aulas. Minha mãe, meu padrasto e meu pai me incentivam muito para continuar nas oficinas”, enfatizou.

Daniel Werneck era exemplo de adolescente marrento antes de entrar para as oficinas de canto e coral e mídias sociais.

“Era seco com as pessoas, grosseiro. Não respeitava muito, mesmo sabendo que isso era errado. Não esquentava a cabeça para fazer diferente”, disse Daniel.

O comportamento atual de Daniel não tem nada de rebelde, marrento ou arrogante, como ele fez questão de contar. O que mudou?

“Mudou tudo. Minha relação com a Andreia e o Francisco (coordenadores

Os planos de Daniel são a curto prazo. Com os irmãos Gabriel e Pedro na oficina de teclado e a mãe na oficina de canto, coral e violão, ele pretende formar uma banda. Os ensaios avançam e evoluem a cada dia.

“Um ajuda o outro. Aprendo muito com a minha mãe na parte vocal e ritmo. Isso me levou para outros ritmos”, observa. Daniel conta que a oficina de mídias sociais despertou o interesse em robótica.

“Não era muito fã de rede social, como Facebook e Instagram. A oficina te ensina ferramentas interessantes e isso despertou muito o meu interesse por tecnologia. Robótica é um campo que me atrai”, frisa.

Aprendi a ser gentil. Palavra que não existia no meu dicionário.

